

FUTEBOL MODERNO: REPRESENTAÇÕES E REFLEXÕES PARA A HISTÓRIAAgnaldo Kupper¹**RESUMO**

Cabe ao historiador buscar o entendimento das formas como os indivíduos produzem as representações de si e do mundo e como tal processo se estrutura dentro de uma dinâmica social. Desta forma, o imaginário envolve as representações que dão sentido ao mundo e como tais representações fixam-se no inconsciente coletivo, o que significa que o imaginário trabalha várias interconexões, como o sonhado e não vivido. Neste sentido, há um tempo a se recuperar nos estudos sobre o futebol, principalmente no que tange a responder em como tal prática esportiva transformou-se rapidamente em mania. Até porque o futebol é espelho dos novos rumos tomados pelas sociedades ocidentais a partir do processo revolucionário industrial.

Palavras-chave: futebol. Industrialismo. ciência histórica

ABSTRACT

Modern Football: representations and reflections for History

It is up to the historian to seek the understanding of the ways in which individuals produce representations of themselves and the world and how such a process is structured within a social dynamic. In this way, the imaginary involves the representations that give meaning to the world and as such representations are fixed in the collective unconscious, which means that the imaginary works several interconnections, like the dreamed and not lived. In this sense, there is a time to recover in the studies on football, mainly in what concerns to answer in how such sports practice quickly became mania. Even because football is a mirror of the new directions taken by Western societies from the industrial revolutionary process.

Key word: Football. Industrialism. historical Science.

1-História Social, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Assis-SP, Brasil.

E-mail do autor:
agnaldokupper2009@hotmail.com.

Endereço para correspondência:
Av. Rio de Janeiro, 1303, Londrina-PR, Brasil.

INTRODUÇÃO**Futebol e Industrialismo**

Futebol, atletismo, remo, turfe, pugilismo. Eis alguns dos esportes originados na Inglaterra. A princípio, de caráter excludente, praticados por indivíduos das camadas sociais mais abastadas.

A penetração de tais práticas entre as demais camadas sociais inglesas significou a consolidação de novos hábitos culturais, a que Pierre Bourdieu denomina 'violência simbólica', apontando à adesão de um conjunto de hábitos e práticas representativas que definem certo estilo de vida.

A violência simbólica consiste em uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la (Bourdieu, 1997, p. 22).

Ou seja, Bourdieu entende o esporte moderno como um fenômeno em que se atribui posições relacionadas ao capital social, econômico e cultural de cada agente. A busca da hegemonia de determinadas práticas seria o acúmulo de uma distinção social de acordo com o seu potencial de poder simbólico.

Para se compreender o esporte, segundo Bourdieu, seria necessário conhecer e reconhecer a posição que determinada atividade esportiva ocupa por meio da distribuição dos praticantes segundo a posição do mesmo no espaço social, apontando para a necessidade de se perceber o tratamento do esporte na condição de fenômeno inscrito em um sistema mercadológico.

A popularização dos esportes acima citados – entre os quais o futebol que, em tempos contemporâneos, abandona progressivamente seu caráter recreativo para transformar-se em atividade vinculada ao consumo de massa - fundamenta-se (não só, mas acima de tudo) em relações capitalistas.

Para Franco Júnior (2007), os esportes modernos devem ser observados no âmbito do darwinismo social, ou seja, como espaço de organização das elites para tornarem-se referência a outros setores sociais.

Segundo Rigauer (1969), o esporte é uma adaptação à vida moderna, consistindo como forma dissimulada para o trabalho, reproduzindo, em si, o mundo do capitalismo por ter em sua constituição autoridade,

concorrência, competência, aperfeiçoamento, organização e burocracia.

Aponto, ainda, para a proliferação dos esportes modernos (caso, em especial, do futebol) fatores como o nacionalismo, interesses científicos e a cultura de massa. Porém, o destaque à popularização do futebol também deve ser atribuído à facilidade de praticá-lo, como bem define Souza (2015, p. 46):

De maneiras diversas, as classes baixas também puderam desfrutar do esporte bretão, pois o futebol, diferentemente do remo, do turfe, do ciclismo ou do alpinismo, não era refém de instrumentos para ser praticado, isto é, enquanto, sobretudo o remo e o turfe, precisavam, obrigatoriamente, de barcos e cavalos, o futebol não exigia nem mesmo uma bola oficial.

Mandell (1984) indica que diversas atividades físicas recreativas realizadas no mundo antigo e medieval podem ser associadas ao que definimos atualmente como esporte.

No entanto, Mandell aponta para uma relação entre formas de organização social e formas de competição esportiva, indicando ainda que a maioria dos esportes modernos possui características próprias. Ou seja, para que sejam entendidas as particularidades dos esportes modernos, necessário que nos aprofundemos nos estudos da evolução das estruturas sociais e culturais em que tais práticas foram desenvolvidas, o que determina que se leve em consideração as condições materiais de vida.

Não é de se estranhar o desenvolvimento do esporte moderno na linha da trajetória do capitalismo em sua fase industrial: racionalização, padronização e cálculo de performance, acompanhando a transição para a vida de base urbano-industrial (competitiva, racional e marcada pela busca de eficiência), expressando a passagem para uma nova mentalidade social, enraizada entre membros sociais privilegiados (até pela disponibilidade de tempo livre entre membros de uma elite social), mas depois internalizada entre os trabalhadores (até como forma de reforço às mentalidades dos segmentos sociais dominadores).

Thompson (1987) afirma que seria ilusão imaginar que a Revolução Industrial (tanto a Primeira quanto a Segunda) substituiria o mundo rural por um mundo urbano sem conflitos, uma vez que jogos e trapaças, superstições e celebrações

populares permaneciam vivas e precisavam ser domesticadas, moralizando as diversões.

Dentro do contexto da urbanização trazido pelo processo revolucionário industrial, a educação passou a adquirir status de treinamento para o hábito do trabalho, com destaque à pontualidade e ao estabelecimento de regras rígidas. Ou seja, o espaço escolar ganhou contornos do espaço urbano, demonstrando a nova concepção em curso: trabalho e tempo como valores a serem absorvidos, o que vale dizer que a passagem da produção manufatureira para a industrial passou a impulsionar a substituição do tempo natural pelo tempo da produção, o que pode ser traduzido pelo novo imperativo: eficiência.

Thompson (1998, p. 294) formula hipóteses para a passagem da valorização do tempo natural para o tempo das fábricas:

A primeira geração de trabalhadores nas fábricas aprendeu com seus mestres a importância do tempo; a segunda geração formou os seus comitês em prol de menos tempo de trabalho no movimento pela jornada de dez horas; a terceira geração fez greves pelas horas extras ou pelo pagamento de um percentual adicional pelas horas trabalhadas fora do expediente. [...] Haviam aprendido muito bem a sua lição, a de que tempo é dinheiro.

Assim sendo, os esportes modernos surgiram na transição para o industrialismo pleno, com práticas como o futebol, o basquete e o vôlei respondendo às novas circunstâncias urbanas e disciplinares da segunda metade do século XIX, quando o tempo cronométrico passou a ser fator para avaliações do desempenho, o que significa dizer que o espírito profissional passou a superar o espírito lúdico como forma de recuperação da energia disponibilizada para o trabalho através do entretenimento.

A penetração do futebol enquanto atividade entre trabalhadores talvez, mesmo que inconscientemente, teria como razão a possibilidade destes de recuperarem o que lhes foi retirado pela linha de produção fabril, trazendo-lhes a sensação de pertencimento de si e não à fábrica, com um importante ingrediente: levar o trabalhador a discuti-lo como forma de subtração do foco da exploração.

Sobre a origem do esporte moderno, Elias afirma que há uma relação íntima entre industrialização e esportivização, próprio “de uma transformação mais profunda das sociedades europeias, o que exigia dos seus

membros uma maior regularidade e diferenciação de comportamentos” (Elias, Dunning, 1992a, p. 225).

Para Elias e Dunning (1992a, p.322), o aumento do significado dos esportes relaciona-se a três aspectos: [...] o desenvolvimento do desporto como um dos principais meios de excitação agradável; a transformação do desporto, em termos de função, num dos principais meios de identificação coletiva; a emergência do desporto como uma fonte decisiva de sentido na vida de muitas pessoas.

Não se deve estranhar a multiplicação das regras esportivas a partir do século XVIII, em plena fase da explosão revolucionária produtiva industrial: corridas de cavalo, 1750; golfe, 1751; críquete, 1788; rúgbi, 1846; ciclismo, 1868; futebol, 1863. Isto porque Revolução Industrial e futebol (entre outros esportes) baseiam-se na competição, na produtividade, especialização de funções e quantificação de resultados. Ou seja, no jogo social, restrições de comportamento possibilitam o controle dos interesses individuais em nome do que passa a ser intitulado “bem comum”.

Norbert Elias identifica na organização do esporte um elemento do processo de “pacificação” social, uma vez que por meio dele os componentes de uma sociedade abrem mão de resolver diferenças aceitando as regras para uma disputa em que não haverá feridos ou mortos, pelo menos reais: As condições que propiciavam a emoção forte, sobretudo a emoção socialmente compartilhada que poderia levar à perda do autocontrole, se fizeram então mais raras e menos toleráveis do ponto de vista social. O problema estava em como dar aos indivíduos a oportunidade de experimentar plenamente a excitação agradável que parece ser uma das necessidades mais elementares dos seres humanos sem os conseguintes perigos sociais e pessoais para os outros ou para si mesmos (Elias, Dunning, 1992b, p. 204).

O futebol institui fundamentos ocultos de dominação ao localizar a dominação masculina na legitimação dos corpos. Na verdade, uma dominação pouco evidente, o que significa que as diferenças biológicas mobilizam-se para fundamentar as diferenças entre os indivíduos de uma estrutura social. A dominação masculina no futebol (e no universo esportivo de contato físico) mostra-se através de elementos que indicam força e virilidade.

Ainda para Elias e Dunning (1995, p.64), as sociedades humanas procuram compensar as tensões acumuladas dos indivíduos (afinal, a tendência humana é querer chutar, agredir com o pé o que vemos como possível ou o que se mostra à nossa frente, talvez daí a necessidade do futebol para nos disciplinar), sendo o esporte uma das principais atividades de satisfazer impulsos instintivos, emocionais e afetivos cerceados pelas regras sociais, liberando tensões provocadas pelo esforço da pessoa em conter-se: [...] O esporte – como outras atividades recreativas – [...] pode evocar uma determinada tensão, uma excitação agradável, permitindo assim que os sentimentos fluam com mais liberdade. Pode servir para afrouxar, liberar, talvez, as tensões por sobre-esforço.

Procurando ilustrar suas proposições, Elias aponta que o futebol propicia uma progressiva conformação entre seus praticantes e espectadores, com as regras do jogo vinculando-se à necessidade de dosar e estimular tensões perante um combate fictício, estabelecendo um equilíbrio entre prazer e controle dos instintos, em claro processo apaziguador. Ou seja, a origem do esporte moderno estaria associada a um contexto de transformação sociocultural que abrangeria as mudanças na personalidade dos indivíduos, nas relações sociais envoltas ao mundo do trabalho, do lazer e da política, assim como nos estilos de vida, de contemplação do mundo e determinações dos papéis sexuais.

Neste sentido, foi nos anos finais do século XVIII, com a consolidação do parlamentarismo e a Revolução Industrial, representando a vitória do capitalismo na sociedade inglesa, que começaram a ocorrer mudanças no jogo da bola. Aos dirigentes da aristocracia interessava reformular a educação então dominante no país e valorizar o cristianismo atlético, visão voltada para ampliar a fibra moral das elites inglesas.

O futebol, esporte que vinculava disciplina e solidariedade, serviria ao propósito. Porém, praticado sem regras claras, recebia críticas e propiciava resistências:

Mesmo no seio da classe trabalhadora havia aqueles que consideravam que o jogo era algo promovido pela elite local como um tipo de paternalismo que encorajava os trabalhadores a se comportar de modo pouco respeitável [...]. A parcela mais bem remunerada da classe trabalhadora, sobretudo, começou a se dedicar a outros lazeres, como a leitura, a dança, os passeios,

os parques e a jardinagem. Isso mostra que estava havendo uma mudança na sociedade no sentido de uma pacificação dos costumes, embora as diferenças de comportamentos entre as classes ainda fossem muito significativas (Alvito, 2014, p. 27).

Com a finalidade de disciplinar o jogo, regras fixas deveriam ser criadas. Em 1823, na Rugby School, a discussão se deu: deveria a prática permitir também o uso das mãos? Com a aceitação, nasceu o chamado *rugby* (Martins, 1997).

Também entre o final do século XVIII e segunda metade do século XIX, foram estabelecidas as regras para o golfe, para o críquete, para o ciclismo e para as corridas de cavalos.

Pode-se afirmar que o processo de urbanização vivido na segunda metade do século XIX na Inglaterra relaciona-se com o processo de proletarização do futebol.

Giulianotti (2002, p. 20) indica que, entre 1820 e 1860, abriu-se um vazio no lazer popular inglês a partir do abandono dos antigos esportes praticados nas aldeias (entre eles, o adestramento de cães e a briga de galos), cujas populações seguiam em massa rumo às cidades em busca de emprego nas fábricas emergentes. Desta forma, uma nova forma de lazer se fez necessária para preencher os momentos de distração: o futebol teria servido ao propósito.

Em 26 de outubro de 1863, surgiu o chamado *football association* (futebol moderno), quando representantes de onze clubes e escolas reuniram-se e fundaram a Football Association, em Londres (acredita-se que o número de onze jogadores tenha sido definido a partir dos onze representantes reunidos) Neste mesmo ano, o futebol foi codificado em apenas quatorze regras (atualmente, são dezessete), tornadas públicas em livros e cartilhas distribuídas pelo país, como uma forma de controle sobre as emoções. Como as discussões mantinham-se, necessária a introdução de um árbitro. Decidiu-se, ainda, que os jogos deveriam ser decididos por gols, com prorrogações até que houvesse desempate (Noronha, 1975, p. 294).

Ao que consta, as regras do futebol vinculam-se ao parlamentarismo, onde o poder não está concentrado apenas em um indivíduo, mas é dividido entre setores sociais rivais, o que exige negociação e revezamento dos grupos através de leis, porém com regras de conduta e participação. As regras definidas procuraram pressupor a igualdade de

condições entre os competidores. O triunfo representaria os valores capitalistas: a vitória obtida a qualquer custo, com o adversário devendo ser superado a qualquer custo.

A pacificação do esporte através de regras definidas possibilitou sua expansão entre diferentes grupos sociais ingleses e, à medida que situações não previstas nas regras ocorriam, alguns aperfeiçoamentos: acréscimos no tempo de jogo, redes nos gols, introdução de penalidades máximas (pênaltis), introdução de auxiliares ao árbitro principal, a determinação para que a bola saída nas laterais passasse a pertencer ao adversário e não a quem a alcançasse primeiro, limite de ação aos goleiros com a mão em área definida, uniforme diferenciado para os guarda-metas e a introdução da lei do impedimento.

Aos poucos, na Inglaterra, o futebol, até então restrito às associações de elite e aos colégios, foi sendo incorporado pela cultura operária, passando a ocupar o tempo livre do trabalhador, sendo na prática propriamente dita, seja nas discussões. Em 1885, dados imprecisos apontam já estarem estruturados mais de mil clubes de futebol em solo inglês, ano da profissionalização da prática no país.

Os clubes ingleses foram associados ao processo industrial, estruturando-se a partir de empresas siderúrgicas (caso do West Ham), ferroviárias (Manchester United) e armamentistas (caso do Arsenal).

Não é à toa que vários clubes tenham adotado nomes ingleses, caso do Banfield, Newell's Old Boys, River Plate (Argentina), Sport Club Corinthians, River, Tránsito (Brasil), Everton, Green Cross (Chile), The Strongest (Bolívia), isto para ficarmos na América do Sul.

As últimas décadas do século XIX tiveram como uma de suas características o crescente fortalecimento das paixões nacionalistas, sobretudo nas sociedades capitalistas centrais, empreendedoras de vigorosa expansão imperialistas (Andersen, 1989; Hobsbawm, 1991).

Paralelamente, surgiram resistências à adoção do futebol enquanto prática esportiva. Mas por pouco tempo. O esporte proliferou, chegando à França em 1872, à Suíça em 1879, à Bélgica em 1880, à Holanda, Dinamarca e Alemanha em 1889, à Itália em 1893, ao Brasil em 1895 (de forma oficial).

Na América Latina, a rápida propagação da modalidade foi facilitada pelo fato de existirem no continente comunidades

inglesas ligadas a empresas e empreendimentos do capitalismo inglês (Aquino, 2002).

Ou seja, a difusão do futebol seguiu a influência cultural inglesa: num primeiro momento a proliferação da prática nas ilhas britânicas; em seguida, na Europa germânica, chegando posteriormente à Europa Latina e na América Latina (no Brasil, embora mais enraizado em São Paulo e Rio de Janeiro – próprio dos maiores investimentos britânicos – espalhou-se simultaneamente por vários pontos de seu território) (Franco Junior, 2007).

Futebol e trabalho

Berço da produção industrial, o futebol significa trabalho em equipe, diferenciando a fábrica moderna da produção familiar artesanal. Pelo menos nas primeiras fases revolucionárias industriais, um jogador de futebol - assim como um trabalhador - possuía funções específicas relacionadas ao time em que atuava (ou fábrica, caso do operário), devendo, assim, especializar-se em uma posição (ou na linha de montagem).

João Boaventura (s/d) aponta quatro elementos do taylorismo presentes no futebol: velocidade, especialização de habilidades, cronometragem e trabalho em equipe. Os gols seriam os produtos e os espectadores os consumidores.

Tal qual uma fábrica que exige disciplina do trabalhador, do jogador de futebol também se espera que siga as instruções de um treinador se não quiser perder seu posto de atuação. O respeito à hierarquia do clube também deve ser levado em consideração (caso o jogador - como o trabalhador - não queira perder sua vaga, sempre disputada, quase sempre provisória).

A duração de uma partida de futebol não depende de uma contagem de pontos (caso do vôlei e do tênis), mas do cronômetro (caso da fábrica). Sua busca é por rendimento quantitativo, onde o triunfo se dá a partir da meta atingida a partir do trabalho em equipe, segundo a divisão de tarefas. Assim como a produção industrial, o todo deve estar voltado para que se atinja o objetivo: produzir e defender o produzido de qualquer revés, segundo técnicas e regulação.

Assim como no sistema produtivo, no futebol alguns realizam, outros pensam e dirigem; outros, colhem os resultados.

A prática do esporte em uma fábrica propicia, em normalidade, um sentimento de

grupo, em que pese a existência de uma hierarquia existente dentro de seu corpo. Desta forma, as tensões internas tendem a diminuir, encobrindo as contradições, gerando o que no futebol moderno intitulamos “fair play”.

A febre futebolística vivida na Inglaterra a partir da segunda metade do século XIX espalhou-se pelos mais diversos cantos britânicos (escolas fábricas, portos e ferrovias) e do planeta, encontrando no continente americano um de seus campos mais férteis.

O futebol e seu desenvolvimento e expansão teriam feito parte de uma estratégia dos empregadores e patrões, em geral para recuperar o controle e harmonizar a produção.

A atividade seria uma poderosa aliada da disciplina operária (Herschmann, Lerner, 1992). Mesmo as atividades sexuais teriam passado a ser regulamentadas para a preservação da produção compartilhada, uma vez que os cuidados individuais teriam reflexo sobre o coletivo.

Roberto Ramos baseia-se no conceito de Louis Althusser (1918-1990) a respeito dos aparelhos ideológicos do Estado, que tornam a repressão desnecessária, apontando o futebol como “aparelho ideológico do Estado”, tendo como função reproduzir as condições econômicas que interessam à classe dominante: O futebol nasceu na Inglaterra, berço do capitalismo. Na década de 1860, os patrões perceberam que o proletariado se interessava por esse esporte. Investiram na expansão do futebol para impedir a organização política e sindical dos operários. [...] O uso do futebol como ideologia, significando inversão da realidade, se fortaleceu (Ramos, 1984, p. 5).

Já Eric Hobsbawm (1987, p.284, 287) identifica no incentivo à prática do futebol entre os operários uma forma sutil de esvaziamento da luta sindical, ao afirmar que: [...] O operário se identificava com o seu time contra o resto do mundo - na verdade, em cidades suficientemente grandes, ele se identificava com uma das metades -, City ou United, Forest ou Country, que entre si definiam o cidadão de Manchester, Nottingham ou de qualquer parte. [...] o futebol tornou-se o tópico principal da conversa social no bar, uma espécie de língua franca das relações sociais entre os homens, ele tornou-se parte do universo de todos os operários.

Para Vinnai (1970) eventos como os encontros em torno do futebol direcionam os

indivíduos para determinadas formas de conduta solidária. Enquanto fenômeno social, a prática deste esporte expressa a visão de tempo livre no desenvolvimento das forças produtivas, refletindo sobre o exercício da realidade ao manter unidos os trabalhadores dentro do aparato industrial alienado, reproduzindo o mundo do trabalho laboral, além de organizar e controlar os homens e o mundo relacionado ao mundo do trabalho, inclusive durante o tempo em que os mesmos não estão trabalhando diretamente.

Assim como Vinnai, outros estudiosos (tais como Rigauer, Bohme e Laguillaumie) apontam o esporte como fenômeno burguês ao analisarem-no como atividade de repressão das necessidades e mecanismo de adaptação e manipulação, impedindo a conscientização do sistema social opressor, além de disciplinarem os corpos.

Carl Diem (1960, p. 3) aponta que: [...] o esporte é um fenômeno que se manifesta no âmbito do jogo. O jogo é uma atividade sem objetivos, em contraste com o trabalho. Entendemos o esporte como um jogo e o vemos em oposição ao trabalho: por isto, o rendimento esportivo se diferencia fundamentalmente do rendimento do mundo do trabalho.

O Futebol e Pesquisa Histórica

Informalmente, Nelson Rodrigues citado por Santos (1981, p. 77) apontou não existir “[...] um só personagem da nossa História que saiba bater um mísero corner. [...] O intelectual do Brasil se move em redoma. Nada sabemos do nosso próprio povo embora falemos em seu nome”

Talvez Rodrigues tenha razão (particularmente, creio que sim), em especial quando temas como o futebol são abordados, esporte este que não recebeu, por muito tempo, a devida atenção por parte da grande maioria dos historiadores e acadêmicos.

Muitos ainda veem o futebol como algo menor, distanciando-o da vida moderna (como se fosse possível). No Brasil, talvez por preconceitos adquiridos a partir da visão histórica de anarquistas, anarco-sindicalistas, socialistas e comunistas, que viam no esporte um fator de alienação à causa operária nas primeiras décadas do século anterior. Talvez, ainda, pelo fato da prática ter sido usada como veículo para a popularização dos governos Getúlio Vargas - especialmente durante o regime do Estado Novo (1937 e 1945) - e

militar (1964-1985) - principalmente por ocasião da conquista do tricampeonato mundial de 1970 por parte da seleção brasileira. Acredito, os antagonismos e visões políticas contrárias podem ser transferidos para o futebol como canal de demandas políticas reprimidas.

Para aqueles que consideram o assunto futebol algo menor, acreditando existirem temas mais importantes, mais relevantes, mais salientes, uma boa desculpa para o distanciamento e soberba. Porém, creio que o futebol (por ser um daqueles seduzidos pela prática) representa a vida: real, por vezes dramático, misterioso e, na maioria das vezes, interessantemente alienante.

O tratamento acadêmico até então distante não se resumiu ao futebol. A consideração aos esportes dada por muitos historiadores foi, em geral, periférica e quase sempre negativa. Ao que consta, as ciências humanas, a partir da segunda metade da década de 1950, tornaram-se quase que insensíveis aos envolvidos com a prática futebolística, assim como com os sujeitos envolvidos às experiências sociais que envolvem esse esporte. Na década posterior, as histórias do futebol brasileiro mantiveram-se à margem da academia, sendo narradas, em normalidade, por jornalistas e ex-jogadores.

No entanto, assentado sobre a perspectiva historiográfica alicerçada a partir da década de 1970, a História Social potencializou a utilização das fontes orais e quebrou barreiras intelectuais ao dedicar-se a temas que até então pareciam pouco atraentes. Tal flexibilidade temática permitiu a aproximação, a partir dos *Annales*, da História com a Sociologia e com a Antropologia Social, o que passou a impulsionar a formulação de questões relevantes relativas ao comportamento de diversos grupos sociais, além de estabelecer comunicação com os mitos, os rituais e os emblemas relacionados ao trabalho e ao lazer das comunidades com menos voz e vez.

A partir da crítica feita pelos *Annales* ao historicismo marxista, passou-se a valorizar objetos considerados até então de pouca relevância para a compreensão das dinâmicas sociais das diversas sociedades, com ênfase ao aspecto cultural, como bem analisa Pesavento (1995, p. 12):

A nova tendência passou a afirmar a não existência de verdades absolutas, marcando o recuo de uma posição positivista

[...] estimulando novos olhares e abordagens com a realidade, em uma e outra vertente, a história social dos anos 60 e 70 restabeleceu o ofício do historiador. Como um mestre da narrativa, este é alguém que, munido de um método, resgata da documentação empírica as chaves para recompor o encadeamento das tramas sociais.

Desta forma, dentro do contexto da Nova História Cultural, percebe-se um novo caminho para o historiador: a busca do cotidiano, das crenças, dos mitos, das representações coletivas, permitindo que sejam vividos outros sujeitos e novas sensibilidades. Claro, sem que sejam perdidas as referências.

A partir da década de 1970, inúmeras teses de mestrado e doutorado passaram a se dedicar ao tema, reconhecendo o futebol como uma prática enraizada nos contextos sociais, culturais e políticos de muitos países. No Brasil não é diferente. Ou seja, vários campos científicos passaram, nas últimas décadas, a mobilizarem-se em torno do tema: Psicologia (convergência passional e violência em torno do esporte), Comunicação (fenômeno midiático), Economia (finanças e desvio de recursos), Sociologia (impactos sociais) e a História (busca e resgate de identidades). Mas ainda há muito a ser feito, como analisar o futebol como instituição estabelecida e enraizada em diversas porções do planeta.

No Brasil, ao final dos anos 1970 e início dos de 1980, antropólogos como Simone Lahoud Guedes, Arno Vogel e Roberto DaMatta passaram a trazer observações sobre a prática sob ângulos diversos da alienação e manipulação das massas. A iniciativa incentivou o meio acadêmico (antropólogos, sociólogos e, posteriormente, historiadores) a atentar ao fenômeno que estabeleceu raízes no Brasil desde o início do século passado.

CONCLUSÃO

Segundo Rosanvallon (2010), a História não consiste somente em apreciar o peso das heranças, em esclarecer o presente a partir do passado, mas tentar reviver a sucessão de presentes, assumindo-os como experiências que informam através da análise dos conflitos e das controvérsias.

O futebol moderno, inventado pelos ingleses, separou o jogo do rito que marcava uma disputa entre pré-colombianos e aborígenes. E deve ter sido visto por operários ingleses e brasileiros como a possibilidade de

reparação das injustiças, uma vez que no campo econômico isto parecia - e talvez continue a parecer - impossível. Como uma compensação de injustiças e simbologia da aceitação: negros, brancos, franzinos, baixinhos, altos, pesados: todos e tudo vale na composição do time.

O próprio fato de se jogar com os pés (exceção ao goleiro) pode simbolizar a dificuldade do controle.

O próprio fato de se introduzir uma arbitragem (1881) e um apito (1888) representou uma forma de regulamentar as ações e o tempo, atuação próxima do Estado, que frustra a realidade como que contendo o lucro a todo custo e renovando o jogo ao atuar no sentido de revitalizar a produção e limitar o prazer imediato.

Isto significa dizer que no futebol o árbitro principal deve atuar em prol da produção já que “cera” (adiar o fluxo do jogo), desperdício e poupança são ações próprias do homem no processo produtivo.

Fato é que o futebol trilhou caminhos em suas várias fases, inclusive no Brasil: teve alteradas regras que o tornaram mais competitivo, transformou-se num meio de manutenção, propagação e ganho da mídia (jornais e rádios), foi absorvido pelo Estado como forma de sustentação política de governos (inclusive com a construção de estádios esportivos e estabelecimento de isenções fiscais que fortaleceram as ligas profissionais), ganhou mercados de massa para a comercialização de artigos esportivos, transformou-se em indústria de entretenimento de massa através, em especial, da proliferação da televisão e, na era da globalização atual, converteu-se em espetáculo absorvido por uma lógica eminentemente capitalista (deve-se entender, no entanto, que o poder da televisão sobre o esporte-espetáculo depende das ligas esportivas, não sendo, desta forma, absoluto, uma vez que as estruturas televisivas precisam negociar valores com as mesmas como forma de obtenção dos direitos de transmissão dos jogos).

Sei, cada ciência é particular por delimitar um campo de pesquisa com problemáticas, objetos e métodos próprios. Porém, muitas vezes a complexidade de alguns objetos de conhecimento exige que ciências se unam e componham estudos interdisciplinares ou transdisciplinares.

Certo me parece que desprezar o futebol enquanto tema científico é rejeitar o

cotidiano, o lúdico e o sentimento permeia gerações, por onde insatisfações, frustrações e explorações são extravasadas.

Até pelo fato da ligação do tema com o mundo moderno capitalista (basta que verifiquemos que, em tempos atuais de eficiência e pragmatismo, características do neoliberalismo econômico, a tática mais adotada é de fortalecimento do sistema defensivo para ganhar partidas com placares mínimos, sofrendo poucos gols).

Uma das grandes tarefas do historiador, creio, é a de buscar a compreensão das lutas políticas entre os grupos dominados e dominantes em todos os níveis, garimpando as suas fontes criteriosamente selecionadas e procurando desvendar as verdadeiras causas dos marasmos ou das tensões e conflitos e suas repercussões.

Sei, a História está permanentemente aberta, esperando para ser feita, ampliada e reconhecida enquanto tal. Através dela, talvez possamos preencher o vazio do eu, vinculando-o ao nós. E o futebol possui, a partir de sua inserção moderna, elementos que devem ser mais bem explorados pela História enquanto ciência, até para que possamos compreender melhor nossa trajetória social, entre simbolismos e simbologias.

Tenho sempre em mente o exemplo de um certo poeta espanhol que admirava pelas manhãs o jardim da casa em que morava através de um vitral colorido. A cada dia, as flores assumiam tonalidades diferentes, dependendo do vitral que focava.

Assim, creio, é a História enquanto ciência. Focá-la a partir de ângulos diversos é explorá-la e engrandecê-la.

No caso do futebol enquanto tema e problematizações - até pelo que passou a representar - ainda há muito a ser problematizado e desvendado.

REFERÊNCIAS

- 1-Aquino, R. S. L. Futebol, uma paixão nacional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2002.
- 2-Alvito, M. A rainha de chuteiras: um ano de futebol na Inglaterra. Rio de Janeiro: Apicuri. 2014.
- 3-Andersen, B. Nação e consciência nacional. Ática. 1989.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

- 4-Boaventura, J. C. Sociologia desportiva: o Taylorismo no futebol. Futebol em Revista. Lisboa. p. 9. s/d.
- 5-Bourdieu, P. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997.
- 6-Diem, C. Wesen und lehre des sports und der leibeserziehgung. Berlim. 1960.
- 7-Elias, N.; Dunning, E. A busca da excitação. Lisboa: DIFEL. 1992a.
- 8-Elias, N.; Dunning, E. Deporte e Ocio em eu processo dela civilización. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica. 1992b.
- 9-Elias, N.; Dunning, E. Deporte y ocio em el proceso de la civilización. 2ª edição. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica. 1995.
- 10-Franco Júnior, H. A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.
- 11-Giulianotti, R. Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria. 2002.
- 12-Herschmann, M.; Lerner, K. Lance de sorte: o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque. Rio de Janeiro: Diadorim. 1992.
- 13-Hobsbawm, E. Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.
- 14-Hobsbawm, E. Nações e nacionalismos desde 1780. São Paulo. Paz e Terra. 1991.
- 15-Mandell, R. Sport: the culture history. Nova York: Columbia University Press. 1984.
- 16-Noronha, S. (Org.). Almanaque dos esportes. Rio de Janeiro. Rio Gráfica. 1975.
- 17-Pesavento, S. J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História. São Paulo. Núm. 29. 1995.
- 18-Ramos, R. Futebol e ideologia. Mundo Jovem. ano 22. n. 167. p. 5. 1984.
- 19-Rigauer, B. Sport und Arbeit. 1969.
- 20-Rosanvallon, P. Por uma história do político. Tradução de Chrstian E. Lynch. São Paulo: Alameda. 2010.
- 21-Souza, G. J. C. O futebol nós podemos jogar: uma análise sobre o desenvolvimento do futebol fora dos clubes da elite do Rio de Janeiro. Revista Recorde. Vol. 8. p. 46. 2015.
- 22-Thompson, E. P. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987. v. 2.
- 23-Thompson, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras. 1998. p. 267-304.
- 24-Vinnai, G. Futsbollsport als ideologie. Alemanha: Europäische Verlagsanstalt. 1970.

Recebido para publicação em 12/04/2019
Aceito em 27/05/2019